

Convocando “budas” para se esquivar da opressão: poesia, espiritualidade e crítica social em “Convoque seu Buda” e “Esquiva da Esgrima” de Criolo

Calling “Buddhas” to Dodge Oppression: Poetry, Spirituality and Social Criticism in Criolo’s “Convoque seu Buda” and “Esquiva da Esgrima”

541

Jurema Oliveira*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

Wellington A. dos Santos*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

RESUMO: O presente trabalho identifica e analisa questões ligadas à espiritualidade e às mazelas sociais brasileiras, a partir das letras de duas canções do rapper Criolo: “Convoque seu Buda” e “Esquiva da esgrima”. É evidenciado o poder de representatividade do rap na resistência dos marginalizados contra as violências historicamente sofridas, na valorização de suas origens e no fortalecimento da sua autoestima. Para tanto, o trabalho traz como fundamentação teórica, pensamentos de estudiosos como Eduardo Marinho, Amadou Hampaté Bâ, Karl Marx e Friedrich Engels, Jorge Nascimento, dentre outros. O trabalho propõe um

* Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa e a Inovação do Espírito Santo - Fapes.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

rompimento com as velhas práticas sociais que legitimam os privilégios de pequenos grupos, enquanto marginalizam, exploram e violentam a maior parcela da sociedade.

Palavras-chave: Espiritualidade. Rap. Opressão. Resistência.

ABSTRACT: This paper identifies and analyzes issues related to Brazilian spirituality and social ills, based on the lyrics of two of Criolo's raps: "Convoque seu Buda" and "Esquiva da Esgrima". Rap's representativeness is evidenced in the resistance of the marginalized against the historically suffered violence, in the valorization of their origins and in the strengthening of their self-esteem. Therefore, the work brings as theoretical foundation ideas from thinkers such as Eduardo Marinho, Amadou Hampaté Bâ, Karl Marx and Friedrich Engels, Jorge Nascimento, among others. The work proposes a break with the old social practices that legitimize the privileges of small groups, while marginalizing, exploiting and violating most of society.

Keywords: Spirituality. Rap music. Oppression. Resistance.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura, por meio das letras das canções "Convoque seu Buda" e "Esquiva da esgrima" do rapper Criolo, evidenciar aspectos representativos das inquietações de indivíduos periféricos na voz poética do rap, contra a marginalização e violências sofridas. São destacados e analisados, versos pontuais das canções escolhidas que fazem referência aos descontentamentos das massas menos favorecidas que compõem, basicamente, as populações das periferias, favelas e morros dos grandes centros urbanos do Brasil, levando em conta sua espiritualidade, suas raízes culturais e outras particularidades. Para tanto, é levado em consideração o olhar crítico e familiarizado do rapper Criolo para as questões causadoras do desequilíbrio da nossa formação social.

No tópico "Convocando 'Budás' para resistir", é evidenciada a maneira como Criolo denuncia as humilhações sofridas pelo povo trabalhador das camadas menos favorecidas, sugerindo que estes, o povo, vítimas dos jogos de poder orquestrados para garantir os privilégios de uma pequena parcela da nossa sociedade, busquem pela sua espiritualidade, equilíbrio e sagacidade para suportar e combater a dominação e as práticas exploratórias mantenedoras do bem estar dos que controlam a economia, a cultura, os discursos, as tendências e a sociedade como um todo, sempre em seu favor. O tópico "Esquivando-se da

opressão”, traz à tona elementos contundentes de legitimação das práticas culturais, das origens, respeito, religiosidade e outros aspectos da identidade dos indivíduos periféricos no rap “esquiva da esgrima”, considerados como escudos ou rotas de desvio contra as ofensivas alienantes e opressoras das elites dominantes. Nesta canção, Criolo exalta o potencial do rap na construção da resistência do povo marginalizado, fazendo reverência à sabedoria construída nas ruas, pelos “maloqueiros”.

Kleber Cavalcante Gomes, conhecido pelo nome artístico “Criolo”, apesar de trazer a linguagem veiculada nas “quebradas” como expressão mais marcante da sua arte, é possível perceber nas suas composições marcas de um conhecimento acadêmico, sendo isso, um provável resultado do curso superior não concluído pelo artista, por falta de recursos financeiros. “Embora tenha cursado a faculdade de Artes, Criolo não se formou porque não tinha condições de pagar o curso” (VERGUEIRO, 2011¹).

Um dos objetivos deste trabalho é evidenciar o potencial didático da voz poética do rap na construção da resistência e da autovalorização dos marginalizados, em contraponto às violências e violações sofridas.

CONVOCANDO “BUDAS” PARA RESISTIR

Historicamente a humanidade procura se apoiar na sua espiritualidade para combater forças poderosas, julgadas de difícil acesso pela compreensão, ou muito grandes para serem combatidas pelo homem comum. O agravante nessa prática de convocação de entidades espirituais para proteção, em muitos casos, sobretudo na atualidade, é que os elementos de devoção são inseridos de maneira tendenciosa no imaginário popular, com toda sua carga de dogmas que dentre outras coisas, estabelecem estratificações sociais pelos preconceitos,

¹ <https://musica.uol.com.br/ultnot/2011/06/01/arte-sempre-existiu-na-periferia-mas-o-preconceito-deixou-as-pessoas-cegas-diz-rapper-criolo.htm>

ao passo que criminalizam e demonizam determinadas camadas da sociedade; promovendo assim, a marginalização daqueles que não se enquadram nos preceitos estabelecidos em benefício dos grupos hegemônicos. Nessa lógica, é desenvolvido no povo, afetado por essas manobras, o sentimento de uma culpa contraditória (MARINHO, 2018²).

No rap “Convoque seu Buda”, Criolo demonstra aparente compreensão da dominação, controle e alienação presentes nas doutrinas dos segmentos religiosos mais difundidos no Brasil, ao propor, nos primeiros versos: “Convoque seu Buda! / O clima tá tenso”. Ao aconselhar a convocação do próprio “Buda”, o rapper sugere que se busque na crença inerente a cada um, as forças espirituais para confrontar as adversidades. Criolo (2014), ao ser indagado numa entrevista, sobre a representatividade da convocação do “Buda” proposta por ele, responde:

É uma paz interior. Procurar o equilíbrio, algo positivo dentro de você. Porque, se a gente for deixar se levar por tudo que está acontecendo todos os dias, só vai fortalecer as coisas negativas. A gente vai perder totalmente a esperança na humanidade (CRIOLO, 2014³).

544

Nessa perspectiva, buscar a positividade dentro de si para alcançar o equilíbrio, como sugerido pelo rapper, implicaria em rupturas com as doutrinas sociais e religiosas vigentes na nossa sociedade, que ao longo de todo o processo de desenvolvimento social no Brasil, legitimam os privilégios dos “escolhidos” e naturalizam as agruras dos desfavorecidos. Estes últimos, vítimas da ignorância tendenciosamente imposta, são facilmente manipulados para contribuir cordialmente com as manobras de manutenção do bem-estar dos seus malfeitores.

As ideias da classe dominante são também as ideias dominantes de cada época. Ou, por outras palavras, a classe que é a potência *material*

² https://www.youtube.com/watch?v=iqF0mq_9TR8.

³ <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/10/29/em-busca-do-equilibrio-criolo-lanca-single-e-se-diz-feliz-por-estar-vivo.htm#fotoNav=5>.

dominante da sociedade é também a potência *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual, de maneira que, em média, as ideias daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual estão desde logo submetidas a essa classe dominante (MARX; ENGELS, 1974, p. 22).

De acordo com Christopher Hitchens (2009), as religiões hegemônicas desenvolvem nas pessoas um sentimento de uma culpa que os persegue por toda parte, encarando-os sempre como pecadores; pondo-os sempre em estado de medo e em posição suplicante, diante de um deus furioso:

There is a paradox at the core of religion. The three great monotheisms teach people to think abjectly of themselves, as miserable and guilty sinners prostrate before an angry and jealous god who, according to discrepant accounts, fashioned them either out of dust and clay or a clot of blood. The positions for prayer are usually emulations of the supplicant serf before an ill-tempered monarch. The message is one of the continual submission, gratitude, and fear (HITCHENS, 2009, p. 73-74).

Os ideais religiosos acima citados, sempre atuaram poderosamente no controle, criminalização, silenciamento e marginalização das massas.

545

No verso “Mandaram avisar que vão torrar o centro”, do rap “Convoque seu Buda”, Criolo aponta para uma questão que tem levado terror e desalojamento para várias famílias marginalizadas na Grande São Paulo nos últimos anos. Trata-se, pois, de incêndios provocados em favelas da cidade. Na maioria dos casos, tratados como criminosos; tentativas de promover a desocupação de áreas estratégicas para o lucro das especulações imobiliárias, como os incêndios ocorridos na favela do Piolho no Campo Belo, região Centro-Sul da cidade de São Paulo, em 2012 e 2014. No último, cerca de oitenta por cento dos barracos foram consumidos pelas chamas (BARCELOS, 2017⁴).

⁴ <https://exame.abril.com.br/brasil/incendios-em-favelas-atingem-terrenos-de-maior-valor-em-sao-paulo/>.

De acordo com o jornalista Iuri Barcelos (2017), incêndios são constantes em favelas da região metropolitana de São Paulo, sendo mais frequentes em comunidades localizadas em áreas nobres:

Em São Paulo, onde mais de 1 milhão e meio de pessoas vivem em 1.700 favelas, esse tipo de desastre é tão comum que alguns moradores passam por ele mais de uma vez. Entre 2001 e 2012, os bombeiros registraram nada menos de 1.648 incêndios em favelas. Em 2016, foram 202 casos, e este ano, 81. [...] A frequência dos incêndios é também maior nas áreas nobres. Foram 23 ocorrências nos 15 distritos com maior valor de lançamentos imobiliários nos últimos cinco anos. Esses distritos aglomeram 145 favelas - o que significa que houve uma taxa de um incêndio para cada seis comunidades nessas regiões. Nos outros distritos, que comportam as restantes 1.559 favelas da cidade, foram registrados 52 incêndios. Taxa bem menor: uma ocorrência para cada 29 favelas (BARCELOS, 2017⁵).

Nos quatro versos que acompanham o refrão de “Convoque seu Buda”, há referências às pressões sofridas pelos habitantes de comunidades faveladas situadas em espaços valorizados pelas especulações imobiliárias, no sentido de desocupação dessas áreas; são eles: “E se não resistir / E desocupar / Entregar tudo pra ele então / O que será?”. Na perspectiva desse questionamento do rapper, estão entre os infortúnios enfrentados por muitas famílias que cedem às pressões de desocupação, na maioria das vezes, o recebimento de quantias irrisórias e falsas promessas habitacionais. Mesmo afetados pela precariedade de uma vida marginalizada, enfrentado toda sorte de violências, tem crescido a resistência, o esclarecimento e a luta pelo direito a uma vida mais digna, entre os periféricos nas “quebradas” de São Paulo.

Hoje, é difícil imaginar que a Piolho foi quase que totalmente consumida pelo fogo em 2014. A quadra que estabelece os limites da comunidade está completamente tomada por barracos novamente - seja pelo retorno de antigos moradores ou de novos habitantes que almejam uma vida perto do centro (BARCELOS, 2017⁶).

⁵ <https://exame.abril.com.br/brasil/incendios-em-favelas-atingem-terrenos-de-maior-valor-em-sao-paulo/>.

⁶ <https://exame.abril.com.br/brasil/incendios-em-favelas-atingem-terrenos-de-maior-valor-em-sao-paulo/>.

É possível afirmar que as ações de resistência entre indivíduos periféricos, como percebido acima, sejam um reflexo da apropriação, por parte destes, das reflexões de conscientização proporcionadas pelos discursos das manifestações culturais desenvolvidas nas periferias do país. Nesta seara, o rap se destaca por seu potencial performático/pedagógico de transmitir informações esclarecedoras acerca das mazelas e degradações sociais, dos posicionamentos políticos, e do fortalecimento da resistência e da autoestima dos marginalizados, confrontando a “ordem” estabelecida.

As vozes performáticas vêm dizer então que os conflitos sociais já foram descobertos e deglutidos, que essas vozes têm poder de perturbar a “ordem pública” de uma falsa conformação social. Daí, temas como estigmatização, criminalidade, racismo, guetização, miséria, e a busca pedagógica de saídas através de caminhos que levem à autovalorização sejam constantes nos longos épicos poemas trazidos pelos rappers (NASCIMENTO, 2011, p. 224).

Esse poder de reflexão que visa conscientizar as camadas sociais menos favorecidas, marcante na voz da maioria dos rappers provindos dos guetos brasileiros, pode ser percebido em “Convoque seu Buda” de Criolo: “Sonho em corrosão, migalhas são / Como assim bala perdida? O corpo caiu no chão! / Num trago pra morte cirrose de depressão / Se o pensamento nasce livre aqui ele não é não”. Nessa sequência de versos, o rapper Criolo faz inicialmente referência aos sonhos frustrados de muitos jovens, capturados pela fábrica de sonhos do consumo e pela perspectiva de possibilidades enganosas, que lhes são diariamente negadas, por serem reservadas para os filhos dos privilégios, restando para os marginalizados, quando sobram, apenas as “migalhas”. No segundo verso, o rapper questiona a validade da expressão “bala perdida”, muito comum em grandes centros urbanos brasileiros, onde o desequilíbrio e conflitos sociais são flagrantes. Seguindo o raciocínio de Criolo, se uma bala disparada de um determinado ponto, faz uma vítima, e nesses casos é sempre uma pessoa inocente, não pode ser chamada de “bala perdida”. No último verso, o rapper critica as práticas de controle do pensamento via indústria cultural e mídias de grande alcance, orquestradas para a manutenção do *status quo* que legitima os privilégios das elites.

Em “Convoque seu Buda”, também é marcante a exaltação da beleza dos povos periféricos e da herança ancestral destes, compostos em sua maioria, por afrodescendentes, como é possível ver nos seguintes versos da canção:

A beleza de um povo, favela não sucumbi
Meu lado África, aflorar, me redimir
O anjo do mal alicia o meninin
Toda noite alguém morre
Preto ou pobre por aqui.

Além de reverenciar a força dos elementos da herança africana como fatores de fortalecimento das lutas dos historicamente marginalizados no Brasil, Criolo critica a ação do crime organizado de seduzir e aliciar crianças para suas arriscadas práticas. O rapper denuncia também, a frequência da violência que todos os dias, promove violação de direitos e supressão da vida de negros nas “quebradas”.

Do ponto de vista legal, a violação das leis sociais, que estabelecem os direitos e deveres do cidadão, ocorre a partir de uma violência simbólica e/ ou concreta que implica muitas vezes danos psíquicos ou a morte propriamente dita (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Por aqui, as práticas de violência simbólicas e concretas, encarregam-se de garantir uma “normalidade” favorável aos grupos sociais “hegemônicos”, que não medem esforços para legitimarem sua efetividade e medidas ostensivas, seja pelo sensacionalismo midiático, seja por ideais religiosos, truculência policial, criminalização das camadas menos favorecidas, dentre outras ações. Um dos pontos cruciais de “Convoque seu Buda” é o respeito à diversidade religiosa; ficando isso evidente, nos versos que compõem seu refrão:

Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu
Shiva, Ganesh, Zé Pilin, dai equilíbrio
Ao trabalhador que corre atrás do pão
É humilhação demais que não cabe nesse refrão.

Ao invocar os nomes de diferentes entidades religiosas e de lutas como a capoeira, Criolo reclama forças para os trabalhadores brasileiros, que na sua maioria, são periféricos e, sofrem muitas vezes com os baixos salários e péssimas condições de trabalho, para garantir o lucro e o luxo dos seus

empregadores. Esse sofrimento enfrentado pelos operários no Brasil é tratado pelo rapper como grande demais para caber no refrão dessa canção.

ESQUIVANDO-SE DA OPRESSÃO

No rap “Esquiva da esgrima”, logo nos primeiros versos, Criolo faz referência a um elemento marcante da herança ancestral dos negros, a tradição oral africana, responsável pela conservação e transmissão das histórias e sabedorias de formação da memória, do respeito e da identidade dos povos africanos (HAMPATÉ BÂ, 2010); sendo perceptível nos versos: “Antigamente resolvia na palavra / Uma ideia que se trocava / O respeito que se bastava”.

De acordo com Amadou Hampaté Bâ (2010), além do valor moral, a palavra falada dispunha de um caráter divino, segundo diversas tradições africanas:

Nas tradições africanas - pela menos nas que conheço e que dizem respeita a toda a região de savana ao sul do Saara -, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Nos espaços periféricos do Brasil é possível perceber a valorização da oralidade, sobretudo nas suas manifestações culturais, impactantes pela representatividade da palavra falada, como é o caso do rap, essa voz poética que nas últimas décadas se tornou em uma das principais expressões da resistência e busca de autoestima dos marginalizados.

Em “Esquiva da esgrima”, Criolo exalta a força do rap, numa sequência de versos que é iniciada com menção aos deslocamentos das pessoas menos favorecidas em busca de melhores condições de vida:

Do Grajaú ao Curuzu, pra imigração meu povo é mula
Inspiração é Black Alien, é Ferréz, não é Tia Augusta
Verso mínimo, lírico de um universo onírico
Cada maloqueiro tem um saber empírico
Rap é forte, pode crê, "oui, monsiuer"

Perrenoud, Piaget, Sabotá, Enchanté.

O “Grajaú”, bairro periférico situado na Zona Sul de São Paulo, é o local de nascimento do rapper Criolo, enquanto que “Curuzu”, trata-se de um bairro de maioria populacional negra na cidade de Salvador. Na lógica dos deslocamentos, ao taxar seu povo de “mula”, Criolo ataca o fato de, essas pessoas, em busca de meios de subsistência e supressão da miséria destinada para si e para os seus, serem facilmente cooptadas por criminosos para o transporte e venda de drogas. Há ainda nessa sequência de versos, menção aos trabalhos inspiradores para as pessoas periféricas, segundo a visão de Criolo, do rapper Black Alien⁷ e do escritor Ferréz⁸, como contrapontos às inspirações proporcionadas pela “Tia Augusta⁹”. Há também referência aos conhecimentos adquiridos nas ruas, a partir de suas vivências, suas lutas e descobertas, pelos marginalizados. Dizer que todo “maloqueiro tem um saber empírico”, pode, em certa medida, ser considerada uma alusão ao pensamento cartesiano de aquisição do conhecimento pelas próprias experiências de vida. A valorização da grandiosidade das expressões do rap fica flagrante no último verso da sequência acima citada, quando da aparição do nome “Sabotá” (contração do nome do rapper Sabotage), num mesmo nível de pensadores importantes como Philippe Perrenoud e Jean Piaget.

A sagacidade evidenciada na voz poética de Criolo, articulada em defesa e valorização dos marginalizados e da comunidade à qual o rapper é residente, pode ser comparada às noções de sabedoria defendidas pelo pensamento

⁷ Gustavo Black Alien é um rapper da cidade de Niterói. Ele foi um dos integrantes da banda Planet Hemp.

⁸ Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz, é um romancista, poeta, contista e empreendedor que utiliza temáticas e linguagem periféricas nas suas produções.

⁹ Agência de viagens de São Paulo, famosa por conduzir grupos de crianças para a Disney. A empresa faliu em 2011.

filosófico africano, partindo das considerações de Kibujjo M. Kalumba (2004) sobre as asseverações de Henry Odera Oruka:

A maioria das pessoas concorda que um sábio é uma pessoa excepcionalmente inteligente. Além dessa sabedoria, Henry Odera Oruka sugere um segundo critério sobre a sagacidade. Um verdadeiro sábio, ele diz, deve usar habitualmente o dom da sabedoria para o aperfeiçoamento ético de sua comunidade. Por isso, ele ou ela tem que ser constantemente preocupado com os problemas éticos e empíricos provenientes de sua comunidade, com a intenção de encontrar soluções interessantes para elas (KALUMBA, 2004, p. 274).

Criolo exalta a força e resistência dos nordestinos e seus descendentes, vítimas da escassez de recursos naturais, sociais e econômicos, nos versos: “É que eu sou fi de cearense / A caatinga castiga e meu povo tem sangue quente”. Essa exaltação de símbolos que caracterizam as qualidades e a relação de proximidade com a terra natal de seus ancestrais, dialoga com os ideais pan-africanistas de ancestralidade e relação de pertencimento com a terra progenitora dos povos africanos, numa associação à figura da mulher, enquanto símbolo de fertilidade (SANTOS, 2007, p. 27). Essa temática foi elemento forte nos movimentos de libertação de Angola dos domínios portugueses.

551

A configuração do símbolo angolano da Mãe-África é igual à ocorrida no restante do continente africano e na diáspora negra, pois assenta-se sobre a mesma base ideológica (e mitológica) pan-africanista. Angola e toda a África subsaariana possuem algumas características histórico-sócio-culturais que reforçam a ligação simbólica envolvendo a mulher (mãe) e terra (nação e continente), associadas à ancestralidade africana. Dentre essas características, a principal delas é o “sistema político-social matrilinear” que predominava entre as civilizações africanas pré-coloniais (SANTOS, 2007, p. 29).

Uma alusão à espiritualidade dos nordestinos, em “Esquiva da esgrima”, está presente no verso: “Nas bença de Padim Ciço às letra de Edi Rock”. Cícero Romão Batista, ou Padim Ciço, como ficou popularmente conhecido, foi um religioso do nordeste brasileiro de origem cearense, que viveu entre 1844 e 1934 e exerceu grande influência na vida religiosa, política e social do povo Nordeste, sendo muito respeitado e prestigiado por seus feitos. Edi Rock, por sua vez, é o nome artístico do rapper Edivaldo Pereira Alves, um dos integrantes do consagrado grupo de rap Racionais MC's. Edi Rock é, do mesmo modo que Criolo, filho de nordestinos radicados em São Paulo, filhos da escassez que os

fez deixar sua terra natal em busca de dias melhores, filhos da diáspora africana. Edi Rock (2018), em entrevista, assevera:

Eu venho dos meus pais e meus pais são do Nordeste. Eu fui ao Nordeste para procurar minhas origens e, não, não é apenas o Nordeste. De onde vieram os meus ancestrais? Eles vieram da África e, na verdade, todos nós viemos de lá de alguma forma (ROCK, 2018¹⁰).

A fala de Edi Rock, assim como versos do rap de Criolo, prega a consciência e a valorização das origens dos marginalizados. Em “Esquiva da esgrima”, criolo critica as ações da polícia, que legitimam a noção de uma escravidão que perdura até os dias atuais, nas relações que regem a organização e o funcionamento do país. O exemplo disso é o verso: “Cada cassetete é um chicote para um tronco”; existindo aí, uma clara referência ao terrível processo de escravidão enfrentado pelos negros em terras brasileiras. O “tronco”, na noção de escravidão atual, representa o seletivo sistema carcerário do Brasil, que conta com uma população em regime de privação de liberdade representada em sua maioria, por indivíduos negros e periféricos (PIRES, 2017¹¹).

552

A questão da espiritualidade está presente também, no verso “Osíris olhe por mim, me afaste de Diabolyn” de “Esquiva da esgrima”. Neste, Criolo invoca o nome de Osíris, deus da vegetação e da prosperidade na tradição egípcia, para protegê-lo de Diabolyn, personagem vilã do antigo desenho animado “Cavalo de fogo”. Esta, por sua vez, era conhecida por desprezar e maltratar os mais humildes.

No refrão de “esquiva da esgrima”, há uma crítica bem construída pelo rapper contra os modos de vida em desenvolvimento na atualidade, nos quais, muitas

¹⁰ <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/exclusivo-nao-podemos-esquecer-de-onde-viemos-diz-edi-rock-que-lanca-clipe-com-mc-pedrinho/>.

¹¹ <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,maioria-dos-presos-e-jovem-negra-e-de-baixa-escolaridade,70002113030>.

peças se fecham em vivências desprovidas de sentidos proveitosos para uma existência prazerosa, perseguindo com total afinco, apenas os lucros financeiros, conquistados na maioria das vezes, pela exploração do trabalho de pessoas humildes. A crítica em questão é desenvolvida num interessante jogo de palavras:

Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar tua filha pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando.

Ao afirmar: “Não tem alma pra se lavar”, o rapper faz alusão à expressão “alma lavada”, muito utilizada no Brasil para exprimir paz de espírito, tranquilidade, boa intenção para com o próximo, dentre outros sentimentos positivos; porém, na sua visão, considerando a maneira como muitas pessoas têm vivido suas vidas, torna-se difícil encontrar “almas lavadas”. Para o verso: “Não tem vida pra se viver” são possíveis duas leituras, de acordo com as análises aqui pretendidas: na primeira, essa “vida” que não se vive, pode ser representada na vida permeada pela busca ferrenha e gananciosa do lucro a qualquer custo. A segunda leitura possível está relacionada com a condição de “não existência” dos marginalizados, que são silenciados e invisibilizados no âmbito da nossa sociedade, impedidos de levar uma vida com dignidade; assim, seguindo o pensamento de Criolo, não “tem vida pra se viver”.

Na perspectiva de lutar contra essa “não existência” que agride diariamente os marginalizados, o rap, com sua potente voz poética, tem si tornado um eficaz elemento de resistência e produção de autoestima desse povo degradado socialmente e economicamente no nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, para que haja mais equilíbrio social, respeito às diversidades raciais, religiosas e de toda sorte, é necessário o surgimento de políticas educacionais que possibilitem o rompimento com as velhas práticas sociais estabelecidas para o favorecimento das elites hegemônicas e marginalização dos pretos, pobres e de todos aqueles que não correspondem às ordens sacralizadas. Romper com as normas sociais vigentes, internalizadas no imaginário popular de todas as maneiras pelos donos do poder, para legitimar seu domínio e exploração, implica na violação da vida desprovida de sentidos proporcionada na modernidade. Nessa lógica, as massas desenvolvem uma visão de mundo genérica, destoante da criada a partir das suas vivências, da realidade do seu povo, das suas raízes ancestrais; a naturalização de uma percepção distorcida. “Esse ‘sentido de mundo’ nos parece, então, ‘natural’, dado que nascemos sob a influência dele, e são pessoas amadas e admiradas, em casa, na escola ou na televisão, que nos apresentam a ele” (SOUZA, 2017, p. 8).

554

Como então, promover as políticas necessárias para o afloramento da justiça social, racial, contra a intolerância religiosa e outras questões sérias em debate nos últimos anos, como aborto e sexualidade?

O rap, ao seu modo, como as canções do rapper Criolo aqui analisadas, com o alcance e impacto da sua voz político-poético-pedagógica tem proporcionado, entre os marginalizados nas últimas décadas, diferentes olhares e comportamentos frente aos questionáveis dogmas sociais naturalizados no Brasil; sendo, portanto, uma resposta consistente ao questionamento feito acima.

Referências

- BARCELOS, Iuri. Incêndios em favelas atingem terrenos de maior valor em São Paulo - Exame. Publicação: 28/Nov/2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/incendios-em-favelas-atingem-terrenos-de-maior-valor-em-sao-paulo/>. Acesso em: 20/07/2019.
- PIRES, Bruno. Maioria dos presos é jovem, negra e de baixa escolaridade - O Estado de S. Paulo. Publicação: 08/dez/2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,maioria-dos-presos-e-jovem-negra-e-de-baixa-escolaridade,70002113030>. Acesso em : 24/07/2019.
- CRIOLO. Em busca do equilíbrio, Criolo lança single e se diz feliz por estar vivo. UOL, matéria/entrevista: Leonardo Rodrigues. Publicação: 29/10/2014. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/10/29/em-busca-do-equilibrio-criolo-lanca-single-e-se-diz-feliz-por-estar-vivo.htm#fotoNav=5>. Acesso em: 19/07/2019.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. - 2.ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010: 167-212.
- HITCHENS, Christopher. God is not great: how religion poisons everything. New York: Twelve, 2009.
- KALUMBA, Kibujjo M. Filosofia da Sagacidade: sua metodologia, resultados e significância e futuro. In: WIREDU, Kwasi (ed.). A companion to African Philosophy. Malden, Oxord, Victoria: Blackwell, 2004, p. 274-281.
- MARINHO, Eduardo. Conversa com Eduardo Marinho, TV Olhos D'Água. Publicação: 1/Nov/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iqF0mq_9TR8. Acesso em: 16/07/2019.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Sobre literatura e arte. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- NASCIMENTO, Jorge. O Titanic afundou: poesia e cultura, rap e sociedade. In: Revista Contexto - 2011/1 - Universidade Federal do Espírito, Programa de Pós-Graduação em Letras, p. 213-248. Vitória: Edufes, 2011.
- OLIVEIRA, Jurema J. Violência e violação: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas contemporâneas luso-afro-brasileiras. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2007.
- ROCK, Edi. Exclusivo: Não podemos esquecer de onde viemos, diz Edi Rock que lança clipe com MC Pedrinho - Rolling Stone. Matéria: Pedro Antunes. Publicação: 20/11/2018. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/exclusivo-nao-podemos-esquecer-de-onde-viemos-diz-edi-rock-que-lanca-clipe-com-mc-pedrinho/>. Acesso em: 24/07/2019.
- SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Representações da Mãe-África na literatura anglana. In: Trama / Colegiado do Curso de Letras; Centro de Ciências

Humanas, Educação e Letras da Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon.
- v. 3, n. 6, p. 27-42. Cascavel: Edunioeste, 2007.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VERGUEIRO, Marina. Arte sempre existiu na periferia, mas o preconceito cegou as pessoas, diz rapper Criolo. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/ultnot/2011/06/01/arte-sempre-existiu-na-periferia-mas-o-preconceito-deixou-as-pessoas-cegas-diz-rapper-criolo.htm>. Acesso em: 11/11/2019.

DISCOGRAFIA

CRIOLO. Convoque seu Buda. São Paulo: Oloko Records, 2014.

Recebido em: 30 de julho de 2019.

Aprovado em: 15 de outubro de 2019.

ANEXO

TRANSCRIÇÕES DOS RAPS “CONVOQUE SEU BUDA” E “ESQUIVA DA ESGRIMA” DE CRIOLO:

CONVOQUE SEU BUDA (CRIOLO)

Convoque seu Buda
O clima tá tenso!
Mandaram avisar que vão torrar o centro
Já diz o ditado, apressado come cru
Aqui não é GTA, é pior, é Grajaú

Sem pedigree, bem loco
Machado de Xangô fazer honrar teu choro
De UZI na mão, soldado do morro
Sem alma, sem perdão
Sem Jão, sem apavoro

Cidade podre, solidão é um veneno
O Umbral quer mais Chandon, heróis crack no centro
Na tribo da folha favela desenvolvendo
No Jutso secreto Naruto é só um desenho
Uns cara que cola pra ver se cata mina
Umas mina que cola e atrapalha ativista
Mudar o mundo do sofá da sala, postar no Insta
E se a maconha for da boa que se foda a ideologia

Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu
Shiva, Ganesh, Zé Pilin, dai equilíbrio
Ao trabalhador que corre atrás do pão
É humilhação demais que não cabe nesse refrão

Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu
Shiva, Ganesh, Zé Pilin, dai equilíbrio
Ao trabalhador que corre atrás do pão
É humilhação demais que não cabe nesse refrão

E se não resistir
E desocupar
Entregar tudo pra ele então
O que será?
E se não resistir

E desocupar
Entregar tudo pra ele então
O que será?

Sonho em corrosão, migalhas são
Como assim bala perdida? O corpo caiu no chão!
Num trago pra morte cirrose de depressão
Se o pensamento nasce livre aqui ele não é não

Sem culpa católica, sem energia eólica
A morte rasga o véu, é o fel vem na retórica
Depressão é a peste entre os meus
Plano perfeito pra vender mais carros teus
A beleza de um povo, favela não sucumbi
Meu lado África, aflorar, me redimir
O anjo do mal alicia o meninin
Toda noite alguém morre
Preto ou pobre por aqui

Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu
Shiva, Ganesh, Zé Pilin, dai equilíbrio
Ao trabalhador que corre atras do pão
É humilhação demais que não cabe nesse refrão

558

Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu
Shiva, Ganesh, Zé Pilin, dai equilíbrio
Ao trabalhador que corre atras do pão
É humilhação demais que não cabe nesse refrão

E se não resistir
E desocupar
Entregar tudo pra ele então
O que será?
E se não resistir
E desocupar
Entregar tudo pra ele então
O que será?

ESQUIVA DA ESGRIMA (CRIOLO)

Falar demais, chiclete azeda
Chama o SAMU e ensina pra esse comédia
Respeitar nossos princípios
Tem mais Deus pra dar que cês tudo num pinico

Antigamente resolvia na palavra
Uma ideia que se trocava
O respeito que se bastava
Dinheiro é vil, tio geriu, instinto viril
AR-15 é mato e os moleque tão de fuzil

Do Grajaú ao Curuzu, pra imigração meu povo é mula
Inspiração é Black Alien, é Ferréz, não é Tia Augusta
Verso mínimo, lírico de um universo onírico
Cada maloqueiro tem um saber empírico
Rap é forte, pode crê, "oui, monsieur"
Perrenoud, Piaget, Sabotá, Enchanté

É que eu sou fi de cearense
A caatinga castiga e meu povo tem sangue quente
Naufragar, seguir pela estrela do norte
Nas bença de Padim Ciço às letra de Edi Rock
Calar a boca dos lóki
Pois quem toma banho de ódio exala o aroma da morte

Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar tua filha pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando

Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar o teu filho pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando

Uma bola pra chutar, país pra afundar
Geração que não só quer maconha pra fumar
Milianos, mal cheiro e desengano
Cada cassetete é um chicote para um tronco
Alqueires, latifúndios brasileiros
Numa chuva de fumaça só vinagre mata a sede
Novas embalagens pra antigos interesses
É que o anzol da direita fez a esquerda virar peixe

Osíris olhe por mim, me afaste de Diabolyn
Quem não tem moto não sai na foto
Mobiletes com motor de dream
Tentou fugir, foi lá que eu vi
Sem capacete, levou róla, Deus acode e vamo aí

É a esquiva da esgrima, a lágrima esquecida
A cor da minha pele, eu sei, tem quem critica
Por que a serpente é pra maçã
É o que a maçã reflete pra mídia
É que Abel tinha um irmão
Mas Caim tinha a malícia

Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar tua filha pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando

Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar o teu filho pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando.